

«VIVO É ALGO PRESENTE»

Palestra* - 2

Depois do Tríduo, e a partir do caminho destas semanas:

- O que significa para mim, neste período, enfrentar a batalha contra o nada?

- O que significa «ser livres» na realidade cotidiana? O que minha experiência mostra?

- Há, na minha vida, pessoas e relacionamentos que me geram, lugares nos quais vejo a vitória da vida sobre a morte?



Foto Luigi Ghirri, Caserta, 1987. Da série *Un piede nell'Eden*.
© Eredi Luigi Ghirri.

*Al mattino*¹

Para quem encontrou o Senhor, a manhã é o início do dia, mas não apenas no sentido cronológico: é o início da busca para poder encontrá-lo de novo, como o amigo mais precioso da própria vida. Este é o motivo pelo qual rezamos o *Angelus*, fazendo memória do encontro que fizemos e pedindo para podermos encontrá-lo de novo. Depois, vamos rezar as Laudes, que são o gesto de cuidado que a Igreja tem para conosco que, no início do dia, não saberíamos o que dizer, não teríamos palavras para exprimir nosso “começar”, e como uma mãe ensina ao filho as primeiras palavras da vida, do mesmo modo a Igreja, no início do nosso dia, nos ensina as primeiras palavras da nossa aventura: o pedido para que Deus venha nos salvar.

«A vida eterna é esta: que conheçam a ti» (Jo 17,3) por Andrea Mencarelli

*Non son sincera*²

1. «Minha alma está triste» (Mc 14,34)

Bom dia a todos! Nas Laudes, rezamos esta frase: «Ainda não resististes até o sangue na vossa luta contra o pecado»,³ que é uma expressão de um poder incrível, que nos lembra que a vida é viva e todas as manhãs, a cada início, é uma luta, para que a vida vença o nada. O »

¹ A. Mascagni, «Al mattino», em *Livro de Cantos - CL Brasil* 2015, p. 315.

² A. Mascagni, «Non son sincera», em *Cantos*, op. cit., p. 351.

³ Cfr. *Vivo é algo presente*, p. 5 do livreto do Tríduo dos Colegiais 2021.

* A Palestra de Andrea Mencarelli no Tríduo Pascal dos Colegiais durante a Sexta-feira Santa (2 de abril de 2021).

» encontro que fizemos, com a intuição positiva que carrega, não é uma vacina que protege automaticamente de tudo e resolve todas as coisas. A realidade, de fato, continua batendo à nossa porta e algumas vezes bate com força e, todos os dias, nos coloca problemas, desafios, perguntas, questões.

Há um site que se chama *WikiHow*, que oferece respostas para todas as perguntas. Vocês podem verificar (não agora, evidentemente): basta digitar qualquer solicitação e ele responde, oferece soluções. Um pouco como Siri, mas mais enciclopédico: você digita e ele oferece alguns resultados. É possível perguntar tudo, até as coisas mais bizarras: podemos perguntar como cortar lenha, como construir uma bomba, podemos perguntar como convencer as pessoas da própria imortalidade. Para os mais astutos, é possível pedir um método para resolver qualquer problema, que é como ganhar um “compêndio” para a vida. Pesquisei justamente sobre isso e a primeira resposta que apareceu sugere quatro pontos: 1) delimitar o problema, 2) estabelecer seus objetivos, 3) analisar as variáveis e 4) agir. Provavelmente já nos disseram algo parecido na escola, em alguma aula sobre método, sobre como resolver um problema de matemática ou fazer uma tradução do latim. Esse método pode ser eficaz se partimos da ideia de que os problemas são, em primeiro lugar, algo que deve ser resolvido e, por isso, também são uma oportunidade para mostrar, a nós mesmos e aos outros, as nossas habilidades e nossa capacidade de resolver questões. Sob esse ponto de vista, não há nada de mal quando se trata de um problema específico da vida como pendurar um quadro, montar uma mesa ou produzir uma vacina em laboratório. Mas se o problema for a própria vida, como fazer?

Provavelmente, não é a primeira vez que ouvimos falar – talvez em algum Raio ou algum amigo mais velho – de um método tão simples para enfrentar as questões da vida, a questão que a vida é: partir da experiência, olhar para a nossa experiência.

Os desafios que nos provocam, de fato, não pedem, antes de mais nada, que demonstremos saber fazer alguma coisa; não é um teste das nossas habilidades.

A realidade se assemelha mais a um «*passé*»: quem joga futebol, ou pratica esporte, sabe que a jogada mais bonita que pode acontecer num jogo não é a bicicleta, nem o chute de calcanhar, mas é o *passé*, o «lançamento em profundidade». Para quem se lembra da vitória recente da Inter sobre a Juve, o gol de Barella nasceu de um *passé*: Bastoni (um companheiro de time) fez um lançamento de 60 metros partindo do meio de campo (foi como a fenda que se abriu a Moisés no Mar Vermelho) que atravessou o campo inteiro e chegou até seu companheiro, que marcou! Estupendo! Mas o *passé* é muito mais bonito que o gol. Pois bem, a realidade é como um *passé* contínuo, um “lançamento em profundidade” permanente que nos é oferecido. Não é um chute aleatório para frente esperando que alguém consiga pegar a bola; a realidade vem ao seu encontro e o serve no pé de um modo absolutamente pessoal. O que acontece quando recebemos um *passé* (um encontro, uma intuição, uma prova)? O que acontece é que nós podemos tomar consciência de nós mesmos, percebendo quem somos, de onde somos – não de quem “pensamos ser”, exibindo sabe-se lá que talento futebolístico –, do momento que estamos vivendo. Nesse instante, é como se a divisão habitual fosse vencida; não há um eu “privado”, que deve ser mantido reservado para nós mesmos ou para poucos mais íntimos, e um eu “público” que, depois, é filtrado e publicado no Instagram. De fato, quando a realidade nos conduz, nos desafia, para o melhor e para o pior, nos coloca problemas, nos coloca perguntas e nos obriga a mudar hábitos, faz vir à tona o nosso eu autêntico, o nosso eu integral. Por isso, o ponto incandescente de todo desafio, de toda situação, não está fora de nós, mas dentro.

Um grande amigo nosso, Dom Giussani (que também foi citado ontem por Carrón), certa vez usou uma expressão tanto bonita quanto revolucionária, que os convido a levar seriamente em consideração: «A solução dos problemas que a vida coloca todos os dias “não »

» vem diretamente de enfrentar os problemas, mas de aprofundar a natureza do sujeito que os enfrenta”».⁴ Precisáramos tirar uma foto disso para decorarmos! Referindo-se a essa passagem, Carrón comentou: «Isto é, aprofundando a natureza do eu, a natureza do próprio desejo. Não está dizendo uma banalidade, porque é somente se o eu se dá conta de si mesmo até este nível, que poderá libertar-se de todas as supostas soluções e as bobagens que tem na cabeça, como também acontece conosco».⁵ Nesta manhã, veremos melhor o que significa essa frase de Dom Giussani.

O que há no fundo do nosso «eu»?

Fiquei muito impressionado com alguns jovens que se colocaram numa Assembleia que fizemos recentemente, que tinha como tema as perguntas e descobertas que amadureceram no último ano. Um deles falou da sua tentativa de buscar a felicidade no estudo: uma vez que as relações com os amigos são limitadas, uma vez que não podemos sair, então, vamos fazer da necessidade uma coisa boa; já que podemos estudar, vamos nos empenhar e encher o dia de estudo! Corajoso, não? Porém, esse rapaz contou o que acontecia à noite: «Depois de um dia assim, eu ia dormir meio vazio. E isso não me fazia feliz». Outro, contou que caiu numa estranha indiferença em relação às coisas, uma apatia que não o deixava mais experimentar nada. Ele disse: «Estou triste por não estar triste». O que é um paradoxo, um grande paradoxo! Tanto que bastaria dar-se conta do que dizemos, levar a sério, como dissemos ontem à noite, dar-se conta das palavras que pronunciamos para descobrir o fogo de vida que se agita em nós debaixo das cinzas; não importa quantos quilos de cinzas, mas debaixo dela algo continua a se agitar.

Um dado que emerge da experiência destes meses é a presença de pessoas certamente cansadas, como os testemunhos de ontem à noite demonstraram, até áridas ou tristes... mas seguramente vivas! São «eus» vivos! Não mortos, mesmo que no meio da tempestade, da agonia (agonia significa justamente «batalha»).

Os testemunhos, e as contribuições que foram lidas, mostram que a vida é um caminho dramático, é uma luta (como dissemos nas Laudes) dentro da qual sentimos todo o peso da contradição, e muitas vezes também da distância entre o nosso desejo profundo de ser feliz, a nossa sede, e a concretude das coisas, às vezes áridas. Isso não é algo que vemos apenas numa condição extraordinária como a pandemia (porque nós nos lamentávamos e nos sentíamos áridos mesmo antes da pandemia!), mas dentro do cotidiano com suas inúmeras facetas. Pensemos, por exemplo, no afeto que sentimos por uma pessoa (nossa namorada ou um amigo querido) e a obriedade distraída com que normalmente tratamos essa pessoa; ou olhamos para as coisas em nossa volta que nos apaixonam – o estudo, o esporte, a arte e a música – e a apatia e o tédio que às vezes sentimos pesar em nós como uma couraça impenetrável que gostaríamos de romper, mas sem conseguir. A vida é realmente uma batalha! Mas não contra a covid ou as aulas virtuais (que são circunstâncias sintomáticas, passageiras); a batalha é contra o nada, como Carrón nos lembrou ontem, ou seja, contra a «sensação de vazio cuja consequência é um enfraquecimento da relação com a realidade e com as circunstâncias, que no fim parecem todas insensatas».⁶ Acaba que nos sentimos velhos, inertes e resignados, às vezes já aos 15 anos.

A luta não foi poupada nem a Cristo «na noite em que foi traído», como sempre ouvimos na Missa. Na noite em que Jesus anunciou o dom total de si aos seus amigos («Darei a minha vida por vós») e os convidou a ficar com Ele, os discípulos não entenderam o que estava realmente acontecendo, a gravidade da situação. O que queria dizer «permaneçam comigo»? Eles já estavam com Ele! Eram seus amigos, estavam sempre com Ele, O escutavam, O »

⁴ L. Giussani citado em A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, p. 504.

⁵ J. Carrón, «No colapso das evidências, a geração de um sujeito», *Passos*, n. 166/Janeiro 2015, p. 26.

⁶ J. Carrón, *O brilho dos olhos. O que nos arranca do nada?*, Passos 2020, p. 9.

» seguiam, O olhavam, tentavam aprender com Ele. Para eles, a presença física de Jesus parecia suficiente. Naquela noite, Pedro, um tipo impetuoso, enérgico, um líder (não por acaso Jesus o tinha escolhido como chefe) renovou sua promessa de amizade a Jesus: «Mesmo que todos se escandalizem por causa de ti, eu jamais me escandalizarei»,⁷ o que significa «eu nunca o abandonarei. Os outros sim, mas eu não, pode confiar em mim 100%». Mas, justamente diante dessa afirmação enérgica de estima, Jesus responde com um tom cheio de dor: «Pedro, amigo, esta noite, antes que o gale cante, três vezes me negarás».⁸

Mas como é possível – perguntaríamos – que possa acontecer uma contradição assim? Pedro estava sendo sincero, todos estavam ao lado de Jesus com sinceridade! Judas também, no início: foi chamado por Jesus, comeu com Ele, bebeu com Ele, jogou cartas com Ele, viu os milagres mais clamorosos, viveu milhares de momentos com Jesus fisicamente presente em sua vida. Tinha os olhos repletos de mil fatos excepcionais. Mas, com todo esse “bem de Deus”, como é possível decair? Como é possível ser triste depois, se antes alguém já encontrou a felicidade da vida, o amor da vida?

Um dia, Judas se perguntou: «Quando Jesus vai mudar as coisas do modo como eu tenho na cabeça, como eu espero que devam ser mudadas? Quando vai demonstrar realmente sua força divina e transformará a realidade? Quando todas as contradições do mundo – as minhas contradições, a minha fragilidade – serão eliminadas, os inimigos serão punidos e a amizade triunfará?». De fato, parecia que esse momento, da forma como ele imaginou, nunca chegaria e que ele estivesse sempre “à espera de”. E assim, aos poucos, dia a dia, um caruncho começou a minar o coração de Judas. Não vemos o caruncho, parece uma coisa insignificante, imperceptível, no entanto, ele trabalha de modo devastador. Com o tempo, Judas se convence: «Talvez eu tenha me enganado, talvez não fosse verdade; aliás, eu realmente me enganei porque, aqui, nada muda».

Do lado de Jesus estavam também Tiago e João, chamados «filhos do trovão», impetuosos e determinados a seguir Jesus até o fim na construção do Seu reino. Jesus também deu uma atenção especial a eles: não só os havia chamado para segui-Lo, mas também mostrou a eles sinais particulares da Sua divindade, como quando os levou consigo ao monte da Transfiguração, onde revelou sua natureza resplandecente de Filho de Deus.⁹ Viram a natureza mais profunda de Jesus, assim como Moisés e Elias. Jesus também os quis consigo naquela noite quando, agitado, perturbado, foi ao Jardim chamado Getsêmani e pediu a eles e a Pedro (a elite, a nata) que ficassem com Ele e rezassem. Mas enquanto Jesus suava sangue, Tiago, João e Pedro dormiram por pelo menos três vezes. Desarmado, Jesus diz a eles: «Não fostes capazes de vigiar nem uma hora comigo?».¹⁰

Naquela noite, Jesus disse uma coisa tanto humana quanto tremenda também para nós: «Minha alma está triste até a morte». Pensem que tormento Jesus devia estar experimentando para dizer uma coisa assim, que solidão, mesmo estando circundado pela presença física dos seus amigos (além do mais, os amigos que Ele tinha escolhido!).

Há tantas coisas na vida que decepcionam, que causam dor, mas talvez a pior de todas seja ser abandonados. Não se trata só de estar “sozinhos”; na verdade, muitas vezes gostamos de poder ficar sozinhos (como quando alguém, num determinado momento do dia vai para o seu quarto, se fecha, escuta música sozinho e diz «que bom», ou quem divide o quarto com um irmão ou irmã e, quando ele dorme fora, diz «finalmente o quarto é só para mim, posso ficar um pouco sozinho»; não é isso!), mas é sentir estranha a realidade em nossa volta, que deveria ser familiar e não é. Sentir as coisas, as pessoas, sobretudo aquelas mais amigas, »

⁷ Mt 26,33.
⁸ Mt 26,34.
⁹ Cfr. Mt 17.
¹⁰ Mt 26,40.

» infinitamente distantes. Elas podem estar ali, do seu lado, ou olhando para você através de uma tela, mas dentro de você e em sua volta há uma solidão glacial. São Tomás define a tristeza como o «desejo de um bem ausente».¹¹

Jesus não esconde nada da Sua humanidade, e diz aos seus amigos: «Estou triste». De fato, há momentos nos quais tudo parece deserto e as coisas com as quais preenchemos a vida, falsas. «Nas minhas mãos não sobrou nada além de terra queimada, nomes sem um porquê [...]: resta somente o lamento de um dia desperdiçado / e, com certeza, a espera de ti». O distante desejo de um bem ausente. Cantemos juntos «La guerra».¹²

La guerra

2. «Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice!» (Lc 22,42)

Toda a vida de Jesus foi um sinal incessante de bem, um ponto luminoso na história da humanidade. Jesus nunca fez nada de mal, ao contrário de nós. Mas isso não significa que todos acolheram automaticamente a luminosidade de Jesus. Porque a «vida eterna», como Ele a definiu, ou seja, a vida verdadeira, a vida feliz, a vida que o nosso coração deseja, não é uma atualização do sistema que é descarregada no nosso organismo e depois basta reiniciar e tudo está resolvido. Imaginem se o Mistério tivesse feito assim: um *download* de poucos minutos, uma reiniciação e depois toda a vida segue adiante sem travar, com todo o significado e a felicidade já dentro, descarregados, sem vírus, sem problemas, sem *loop*, sem nada! Mas nem Jesus foi poupado do caminho, e ele não se esquivou do seu caminho.

O que o homem faz diante das contradições? O que nós fazemos quando estamos diante de uma contradição? Quando experimentamos a aridez de um dia em que navegamos entre uma conexão e outra, ativando e desativando a câmera de vídeo? Gostaríamos de poder mudar a realidade. Essa não é uma ideia errada e nem é um pecado desejar mudar algo que achamos cansativo. É humano! Mas, quando não podemos fazer isso (como acontece nas circunstâncias inevitáveis, como em tantos sacrifícios que nos são pedidos neste período), poderíamos fazer a pergunta que muitos de vocês enviaram nas contribuições: «Como faço para gostar dessa situação?».

Respondo com outra pergunta: quem disse que vocês têm que gostar dessa situação? Onde está escrito isso? Quem é o “terrorista” que disse que você *deve* gostar dessa situação? Esse ponto é fundamental e deve ficar claro para que não nos joguemos num pântano e apodreçamos nele, sem que ninguém nos tenha pedido isso. Na vida, não é tudo igual! Nós fomos feitos para a vida, não precisamos refletir muito sobre isso, não precisamos perguntar aos outros, nós percebemos isso sozinhos, somos feitos para ser feliz.

E então? Então, a primeira coisa que podemos fazer é comparar o que temos diante dos nossos olhos com as exigências profundas de felicidade do nosso coração – isto se chama «juízo» – e dizer «é para mim» ou «não é para mim». Quando usamos nosso coração assim, com esta seriedade, como um *detector*; como nos disse Carrón ontem à noite, acontece o que Giussani chama de «experiência elementar». Então, dá para entender bem como o tema não é ter que gostar das coisas que o coração reconhece como “não suas”, mas dar um juízo. Se não, seria como se esforçar para que um sapato que é cinco números menor do que o nosso pé, nos sirva. Como você pode fazer isso? Não pode! Nós não precisamos agradar o vendedor de sapatos se os sapatos não nos servem, basta dizer a ele: «não servem!».

Na noite em que foi traído, experimentando o abandono de seus amigos e intuindo que em breve todos iriam matá-lo (os romanos, os amigos e os inimigos), Jesus dá um juízo: «Es-»

¹¹ São Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, c. 20, art. 1

¹² C. Chieffo, «La guerra», em *Cantos*, op. cit., pp. 339-340.

» tou triste. Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice», que significa: «se for possível, tira de mim esta prova, elimine esta dor, porque eu não sou feito para a dor». O que há de mais humano do que esse grito?

Também podem repercutir em nós as palavras de um autor russo, Vasilij Grossman, que parecem quase uma oração com a qual podemos nos identificar: «Que tudo volte a ser como era antes daquela mudança insuportável, que tudo volte a ser hábito, conhecido, e não haja vestígios dessa novidade que quebra os ossos e entra no sangue».¹³

3. «...Contudo, não seja feita a minha vontade, mas a tua!» (Lc 22,42)

«O que preenche o meu coração?», se perguntou ontem o colega da nossa amiga de Bolo-nha diante do testemunho de Zatto, o jovem gravemente doente de que falamos. Averiguando a profunda tristeza que Jesus sentiu, o que havia dentro do seu coração? O que havia no fundo do seu «eu»? Uma presença. A ligação com um Outro. Todo o sentimento que explodiu no coração de Jesus naquela noite, que chegou até hoje, até o lenho da cruz, carregava o apelo a um Outro: «Pai».

Como uma de vocês explica bem, descrevendo todo o seu “abatimento”, a preocupação pelos companheiros que vê “bem amarrados” e o vazio que experimenta quando repete palavras rituais. Até que se pergunta: «Por que eu existo?». E comenta: «Não era preciso muitas palavras para entender: eu me sentia vazia, chorava porque meu coração estava gritando que não, eu não era feliz assim, havia e ainda há as perguntas, não é verdade que tudo é igual, que não sou capaz de julgar a realidade, que sou superficial. Tenho um coração que se sentiu correspondido por um outro [...], desejo que meu coração se inflame como naquele dia [...]. Quero me sentir trepidante, desperta, viva».

Vamos escutar agora uma canção muito bonita de Adriana Mascagni, «Amica del Mistero».

Amica del Mistero

«Nasci amiga do Mistério / assim, não sei falar / a não ser Contigo / assim, não sei pensar / a não ser só em Ti».¹⁴ Isso não é uma inspiração para poetas, mas a consciência de não poder viver, viver de verdade, sem um relacionamento grande e real, vivo e presente, que abrace toda a nossa vida.

Jesus testemunhou «não o esforço, mas a filiação [...]». A via da plenitude que Ele apresenta não é a de sermos capazes, mas a de sermos filhos»,¹⁵ escreveu Carrón num famoso livro seu, *O brilho dos olhos*. Esta filiação se torna visível dentro da realidade, sem descontos, e não fora da realidade, nos nossos pensamentos. Normalmente nós imaginamos Jesus como um dos heróis da Marvel, que cavalga a realidade, voa sobre ela, a destrói, a constrói, faz o que quer. É o que Pedro, o amigo, o líder, a rocha, pensava naquela noite no Getsêmani, quando, no meio da aglomeração, sacou a espada e golpeou um dos soldados. Mas Jesus o deteve. Como assim, o deteve?! Não queria ajudá-lo?! Deteve-o e ordenou que depusesse a arma: «Guarda a espada! [...]. Ou pensas que eu não poderia recorrer ao meu Pai que me mandaria, já agora, mais de doze legiões de anjos?».¹⁶

Mas Jesus não era resignado às circunstâncias, não se submetia a elas. Ele não escondeu sua tristeza – que é o primeiro sintoma do nosso chamado à felicidade, à vida – e inclusive responde quando é interrogado. Como fez diante de Pilatos: «O meu reino não é deste »

¹³ V. Grossman, *Il bene sia con voi!*, Adelphi, Milão 2011, p. 212.

¹⁴ A. Mascagni, «Amiga do Mistério», em «*Quem és tu que preenches o meu coração com tua ausência?*», livreto do Tríduo dos Colegiais 2018, pp. 19, em Publicações no site www.portugues.clonline.org

¹⁵ J. Carrón, *O brilho dos olhos*, op. cit., p. 114.

¹⁶ Mt 26,52-53.

» mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, meus guardas lutariam para que eu não fosse entregue aos judeus – mas Ele tinha acabado de dizer a Pedro para não combater!! – [...]. Eu nasci e vim ao mundo para isto: para dar testemunho da verdade». ¹⁷ «Tu (Pilatos) não terias autoridade alguma sobre mim, se não te fosse dada do alto». ¹⁸

O que Jesus testificava no momento da prova não era um otimismo ingênuo – como muitos fizeram no primeiro *lockdown*: «Tudo vai ficar bem!», mas quem disse que tudo vai ficar bem? Onde está escrito? –, não era um otimismo, mas uma esperança sólida, que é uma coisa bem diferente do otimismo. Como explica um famoso teólogo, Jean Daniélou: «Esperança não é otimismo. O otimismo é aquela atitude fácil em virtude da qual pensamos que as coisas sempre acabarão se ajustando sozinhas. De uma forma mais reflexa, o otimismo considera o mal como uma simples desordem que se autoeliminará [...]. Assim, anulando a tragicidade do mal, o otimismo é o pior inimigo da esperança». ¹⁹

Ao contrário, quem vive uma esperança, percebe até o fundo o drama da vida, do sacrifício, e o atravessa, não por um esforço próprio, mas por força de algo de outro que existe, que é vivo, presente, fora de si. «Por isso, é preciso viver a dor na presença de Deus. Desse modo, o sofrimento não é eliminado, mas perde o seu veneno. Não envenena mais a alma, mas ao contrário, a purifica. É mensageira não mais de angústia, mas de paz». ²⁰

Para poder entender melhor, vamos ouvir a contribuição que uma de vocês enviou: «Nos últimos três anos eu me distanciei – pensava que definitivamente – da Igreja e de CL, também influenciada pelas novas companhias com quem estava andando. Nestes anos, minha casa se tornou um bar onde eu passava o dia inteiro e onde só se falava do nada. Apesar disso, eu era muito despreocupada e me sentia feliz. Quando a pandemia começou, distante das distrações, fiquei muito mal. [...] Senti-me triste. Esse mal-estar fez com que eu me perguntasse o que eu queria de diferente da vida e de mim (aprofundar a natureza do sujeito, é isto o que significa). Foi como retomar nas mãos a parte mais profunda de mim, que há algum tempo me era desconhecida. Daquele momento em diante, aconteceu uma série de eventos que foram como um chamado para mim. O primeiro de todos foi passar a quarentena na praia com alguns amigos do Movimento com quem não falava há algum tempo. Foi inevitável, para mim, confrontar o que eu estava vivendo ali, na praia, aquele tipo de amizade e aquele modo de passar o tempo, com a maneira com que tinha vivido nos últimos anos. Pela primeira vez, vi com meus próprios olhos o rosto da Igreja e do Movimento se encarnar em pessoas próximas a mim. Todas as minhas convicções, tudo o que tinha me feito feliz nos anos anteriores tornou-se insignificante. Aconteceu algo tão grande que até hoje não consigo explicar e, portanto, não pode depender totalmente de mim. O que aconteceu deu significado à dor e, conseqüentemente, às perguntas que eu me fazia nos meses anteriores. A descoberta de depender de alguém não fez com que eu me sentisse menos realizada, menos inteira, pelo contrário, fez com que eu percebesse pela primeira vez na minha vida uma unidade, uma completude».

É incrível e revolucionário poder viver nossa vida com a audácia descrita por nossa amiga: a pessoa faz todas as tentativas, experimenta um mal-estar, se deixa tomar novamente, erra, percebe de novo seu desejo de felicidade, segue as pistas de resposta que vê, até dar-se conta de uma realidade viva, que não é ela que constrói, que não é um produto seu, mas que se ela acolhe, se decide se relacionar com ela, se permanece ali (como dizia Jesus aos discípulos), a faz sentir-se mais completa, mais si mesma. Esse testemunho também nos ajuda a entender o que é o «carisma»: «A modalidade de tempo, de espaço, de caráter, de temperamento, a »

¹⁷ Jo 18,36-37.

¹⁸ Jo 19,11.

¹⁹ J. Daniélou, *Saggio sul mistero della storia*, Morcelliana, Brescia 2012, p. 370

²⁰ H. de Lubac, *Paradossi e nuovi paradossi*, Jaca Book, Milano 1989, p. 94.

» modalidade psicológica com que o Senhor se torna acontecimento para mim e, do mesmo modo, para outros»,²¹ diz o texto da Escola de Comunidade sobre o qual trabalhamos. Como a nossa amiga, que viu «no que estava vivendo ali, na praia, naquele tipo de amizade e naqueles rostos, naquele modo de passar o tempo», toda a “diferença de potencial” em comparação ao modo como tinha vivido nos últimos anos.

4. «Pai, em tuas mãos eu entrego o meu espírito» (Lc 23,46)

Uma de vocês escreveu: «Estava relendo a carta de convite para o Tríduo e parei na pergunta “por que eu existo?”. E pensei: mas, que sei eu de por que existo? Se dependesse de mim, eu não teria me feito, pelo menos não assim! Porém, não pude deixar de observar: “ainda assim, eu existo”. Ainda assim, eu existo! Então, pensei que se eu viver a minha vida, tão minúscula, só por mim, acho que continuarei pequena, mas se a viver por quem me deu a vida, pode ser que ela se torne um pouco maior. E, então, a pergunta não é mais “por que eu existo, por qual razão eu existo?”, mas “para que eu existo, para qual finalidade? Por quem eu existo?”».

Jesus também respondeu a essa pergunta: «Eu vivo pelo Pai».²²

Porque quando alguém é atingido por uma esperança, que, de fora, entra em suas vísceras, em seu coração, o olhar deixa de estar voltado para o próprio umbigo e a pergunta que se agita dentro da pessoa muda: por quem eu existo? Hoje, nesta amanhã, neste dia, por quem? Eu não vivo para mim, meu centro de gravidade não está em mim, mas tudo de mim pende para aquilo que encontrei, para a esperança que veio ao meu encontro. Pensem em começar todas as manhãs assim, com essa espera (mesmo que não tenhamos sempre a sorte de uma amiga que cante tão bem *Al mattino* para nós): «Meu coração / hoje / não é senão / um pulso de nostalgia»,²³ escreveu Ungaretti.

Muitas coisas em mim podem continuar imperfeitas e capengas, também posso cair cem vezes por dia, como provavelmente acontecerá a nós hoje, porque não seremos poupados da batalha contra a apatia e a distração; mas não se preocupem se vocês se distraírem, em vez disso peçam para poder fazer um instante de silêncio, um instante mesmo que breve de silêncio no dia para poder olhar novamente com comoção para a experiência de vocês. Mesmo que eu caia muitas vezes, há uma rocha à qual eu posso sempre me agarrar para me levantar, sobre a qual posso construir minha enésima tentativa, à qual posso voltar todas as vezes que eu me afastar, como a amiga da praia. Jesus viveu essa certeza sólida na sua relação com o Pai, de quem veio, por quem viveu e a quem entregou toda a sua vida, até o último suspiro. Que beleza de aventura viver assim! Não como os cães ou as máquinas, mas com a consciência de sermos constantemente amados e tomados por Alguém que nos ama. Nenhuma realidade, amigos, é hostil a nós; tudo pode ser vivido ao máximo, toda alegria pode transbordar cem vezes mais, todo sacrifício pode ser enfrentado (mesmo que não gostemos e, vamos ser sinceros, não gostamos) e toda dor pode ser oferecida, como quando éramos crianças e nos jogávamos nos braços de nossa mãe, desarmados: tenho essa pergunta, não entendo isso, ou, tenho essa riqueza na minha vida (minha namorada, meus amigos que são a coisa mais preciosa que possuo), tenho essa dor, sou chamado a esse sacrifício que não queria, mas o ofereço a Ti, porque posso Te oferecer tudo, porque sei que Tu me amas e abraças tudo de mim, então me ajuda a carregá-lo.

Pessoal, isso está tremendamente ao nosso alcance!

Escutem o que outra menina conta: «Há pouco tempo, comecei a fazer parte dos Cole- »

²¹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades; *Deixar marcas na história do mundo*, Companhia Ilimitada, São Paulo 2019, p. 116.

²² Jo 6,57.

²³ G. Ungaretti, «Oggi» in Id., *Poesie e prose liriche. 1915-1920*, Mondadori, Milano 1989, p. 40.

» giais, num grupo onde me foi dada a oportunidade de refletir sobre as pequenas coisas do dia a dia, que normalmente cometemos o erro de ignorar. Com o tempo, percebi a superficialidade que tornava a minha vida monótona e, também graças à unidade que encontrei nos companheiros de Escola de Comunidade, a cada encontro, através das coisas que eles contam e da experiência deles, me torno cada vez mais consciente de que não estou sozinha nos meus “tormentos”, e percebo que estou começando a gostar mais das pessoas que estão em minha volta e – atenção ao que ela acrescenta –, me atrevo a dizer, estou começando também a gostar de mim. Por isso, num certo sentido, sou “grata” à pandemia por ter-me aberto este mundo novo (a circunstância não é mais venenosa); de qualquer modo, espero que termine logo para que os encontros passem a ser presenciais e eu possa conhecer melhor todas as pessoas do grupo». Isto significa ser humanos, pessoal! É claro que seria muito mais bonito poder se encontrar todos os dias, mas podemos viver o presente como protagonistas a partir de agora, usando do nosso desejo e da nossa espera para “ver” onde acontece alguma coisa.

Alguém – e terminamos – ainda poderia dizer: «Que bonito, Jesus, que bonito, meus amigos que têm certeza da vida deles, que bonita a ingênua simplicidade dessa menina, (“ela acabou de chegar” – poderíamos comentar, cinicamente –), mas eu não sou como eles, e depois a vida muda, depois experimentamos a aridez de um punhado de areia na boca». Esse pensamento poderia passar pela nossa cabeça, sobretudo se estamos atravessando um momento de dificuldade, como se quiséssemos dar um passo atrás diante de uma possibilidade de caminho. Mas não nos esqueçamos, amigos, que a nossa esperança, a nossa força, não está em saber fazer «como» Jesus, mas nossa esperança e nossa força «é» Jesus! Os discípulos, Nossa Senhora, o centurião que viu Jesus morrer na cruz, não tinham o problema de imitar Jesus, de fazer como Ele, isso nunca passaria pela cabeça deles porque era impossível, e porque eles não estavam interessados em imitar Jesus: queriam estar com Ele! Eles podiam reconhecer facilmente o poder, a plenitude, a vivacidade, o olhar profundamente humano que emanava d’Ele. Só precisavam acolhê-lo, sem se medirem, sem filtros, deixando-se alcançar por Ele. Como uma amiga nos ajuda a entender: «Os amigos que sempre me recolocam numa posição verdadeira diante das coisas, diante do que acontece, são decisivos. E é por isso que é possível não ter medo dos dias de aulas virtuais que nos esperam, não porque eu não sinta dificuldade ou tristeza, mas porque reconheço que durante estes meses nunca fui deixada sozinha nem por meus amigos, nem por meus professores, nem pelos amigos mais velhos». E conclui, ouçam bem: «Minha esperança se funda na certeza desses rostos que têm nome e sobrenome claros e que trago na memória, de quem recebo um amor gratuito e, em última instância, inexplicável para mim, e eu só consigo estar diante de mim e diante de tudo o que acontece por causa da certeza desses relacionamentos».

Essa certeza que para nós é um lento caminho, como o da semente que precisa florescer, em Jesus era uma nota dominante, cotidiana, tão precisa e tão cheia de ternura para com a nossa incerteza que permitiu que Ele não recuasse um milímetro nem diante do medo mais extremo, o da cruz, a fim de dar testemunho da Verdade da vida e recolocá-la diante de nós. «Pai, perdoa-lhes, eles não sabem o que fazem. [...] Em tuas mãos eu entrego o meu espírito».²⁴

Vamos nos levantar e, em silêncio, escutemos a música.

*Dulcis Christe*²⁵

²⁴ Cfr. Lc 23,34.46.

²⁵ M. Grancini, sec. XVII, «Dulcis Christe», em *Cantos*, op. cit., p. 28.